

## OS FIOS QUE TECEM A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Jéssica Dias Travassos*

Graduada Serviço Social - Universidade Estadual da Paraíba  
E-mail: [jessicadiastravassos@hotmail.com](mailto:jessicadiastravassos@hotmail.com)

*Maria Rita da Silva Ribeiro Neta*

Graduanda Pedagogia - Universidade Estadual da Paraíba  
E-mail: [mamazinha\\_144@hotmail.com](mailto:mamazinha_144@hotmail.com)

*Risoneide Ribeiro do Nascimento*

Estudante de Pós-Graduanda Psicopedagogia - Faculdade Integrada de Patos  
E-mail: [risoneideribeiroufcg@hotmail.com](mailto:risoneideribeiroufcg@hotmail.com)

*Maria Emanuela de Oliveira Cruz*

Mestre em Formação de Professores - Universidade estadual da Paraíba (Orientadora)  
E-mail: [mariaemanuela.oliveira@gmail.com](mailto:mariaemanuela.oliveira@gmail.com)

**Resumo:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado como um transtorno de desenvolvimento que compromete a capacidade de socialização, comunicação e de comportamento do indivíduo, considerada, portanto, como uma deficiência intelectual. Segundo a LEI N° 12.764, de 27 de dezembro de 2012, conhecida como LEI BERENICE PIANA, a pessoa com Transtorno do Espectro Autista tem direito ao acesso à educação nas escolas de ensino regular e, quando comprovada a necessidade, possuem direito a ter um mediador escolar especializado para ajudá-lo na compreensão das atividades escolares, ajudá-lo na interação com as outras crianças, se necessário acompanhar para o uso do banheiro, ajudar em sua alimentação, porém o mediador ficará responsável diretamente pela parte pedagógica, e a parte de cuidados com higiene, alimentação ficará em segundo plano mas, se preciso o mediador fará. A grande diferença entre o mediador escolar e o cuidador escolar é que a principal função do mediador é mediar os conteúdos, ajudar diretamente a criança na parte pedagógica, quanto que o cuidador ficará mais para ajudar a criança na questão de atividade de vida diária (AVD) como ir ao banheiro, ajudá-lo na parte de alimentação e socialização, quanto que os conteúdos quem trabalhará de perto para a evolução daquela criança será o professor que irá mediar todo o conteúdo para o aluno. Neste sentido, o objetivo desse artigo é relatar as experiências de mediadores de duas crianças com TEA, incluídas em uma escola particular do município de Campina Grande – PB, dando ênfase nas dificuldades vivenciadas nesse processo de inclusão.

**Palavras-Chave:** TEA, Escola, Experiência, Mediador.

INTRODUÇÃO:



O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado como um transtorno de desenvolvimento que compromete a capacidade de socialização, comunicação e de comportamento do indivíduo, considerada, portanto, uma deficiência intelectual. Segundo a LEI N° 12.764, de 27 de dezembro de 2012, a pessoa com Transtorno do Espectro Autista tem direito ao acesso à educação nas escolas de ensino regular e, quando comprovada necessidade, possuem direito a ter um mediador especializado para ajudá-lo na compreensão das atividades escolares. Neste sentido, o objetivo desse artigo é relatar as experiências de mediadores de duas crianças com TEA, incluídas em uma escola particular do município de Campina Grande – PB, dando ênfase nas dificuldades vivenciadas nesse processo de inclusão.

#### METODOLOGIA:

Utilizamos como recursos metodológicos os registros de observações do diário de campo do ano de 2015 e 2016. Sendo, portanto uma pesquisa qualitativa do tipo documental, bibliográfica e com abordagem da história de vida.

#### RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O seguinte trabalho consiste em dois relatos de experiências de mediadores escolares de crianças com o Transtorno do Espectro Autista – TEA, o mesmo relatará a importância desta função, suas atribuições e contribuições para o desenvolvimento intelectual, social, etc. do autista. Além de apresentar o papel e responsabilidade da escola perante a lei, no atendimento desse aluno matriculado em escola regular. O Transtorno do Espectro Autista segundo Fonseca:

Caracteriza-se pela definição de desordens que fazem com que o desenvolvimento do indivíduo siga por rotas diferentes das usuais e tipicamente separadas, em especial nas áreas de comunicação, interação social e áreas restritas de interesse (2014, p. 09).

Neste sentido compreendemos que ao ingresso de uma criança com TEA no contexto escolar, a instituição em questão deve considerar todos os aspectos característicos do transtorno, buscando se inteirar sobre o assunto, através de formações e uma inclusão de qualidade e verdadeira. Compreendendo esta necessidade e a necessidade individual de cada criança com TEA é possível analisar se a mesma necessita do auxílio de um mediador para favorecer no seu desenvolvimento escolar. Sendo assim, compreende-se que o papel do mediador escolar no processo de ensino aprendizagem consiste em:





(...) é ser o intermediário entre a criança e as situações vivenciadas por ela, onde se depare com dificuldades de interpretação e ação. Logo, o mediador pode atuar como intermediário nas questões sociais e de comportamento, na comunicação e linguagem, nas atividades e/ou brincadeiras escolares, e nas atividades dirigidas e/ou pedagógicas na escola. O mediador também atua em diferentes ambientes escolares, tais como a sala de aula, as dependências da escola, pátio e nos passeios escolares que forem de objetivo social e pedagógico. Também pode acompanhar a criança ao banheiro, principalmente se estiver com objetivo de desfralde, auxiliando nos hábitos de higiene, promovendo independência e autonomia no decorrer da rotina. Isso poderá ser acordado junto à equipe escolar, se esta tiver auxiliar de turma, para que não aconteça conflito nas ações. Adaptar a estrutura física para organizar objetos no entorno, evitando grandes distratores ou exposição daqueles que representam manias é uma ação igualmente relevante. (MOUSINHO,2010)

Compreendendo a importância do papel do mediador escolar, apresentaremos a seguir dois relatos de experiência de mediadores de crianças com o TEA:

*Quando falamos em Educação Inclusiva estamos nos referindo a uma educação onde, a pessoa com algum tipo de deficiência esteja incluída de alguma forma. Para uma escola ser denominada como inclusiva ela tem que fazer muito mais do que, só aceitar o aluno em seu ambiente. Uma instituição inclusiva é aquela que busca incluir o deficiente em todos os aspectos, aspectos cognitivos, físicos e pessoais e não somente aceitar a criança e não fazer nenhum “esforço”, nenhuma mudança na escola ou no currículo escolar para que o aluno possa evoluir dentro de suas limitações.*

*Sou mediadora escolar de uma menina diagnosticada com o TEA (Transtorno do Espectro Autista), de 7 anos que estuda em uma determinada escola privada regular no município de Campina Grande- PB, a escola que se diz inclusiva ( pelo fato de aceitar crianças com deficiências) não se tem a menor preocupação em capacitar os professores, em propor ao corpo docente qualificação para que eles saibam trabalhar e produzir o que a criança na sua especificidade irá precisar pra aprender e desenvolver- se.*

*Não se tem um planejamento específico para a determinada aluna, um planejamento diferenciado, atividades propostas para o nível que ela está, é sempre tudo improvisado, se a aula começa as 8:00, as 7:30 a professora combina com a mediadora o que se vai fazer, qual o melhor jeito de se trabalhar aquela determinada atividade, que por vezes mesmo sendo adaptada ainda fica muito complexa para o entendimento da criança.*

*Alguns professores demonstram medo quando a menina aproxima- se, a expressão facial de pânico misturado com indiferença fica estampada no rosto do adulto, quando na verdade a criança está chegando mais próximo muitas vezes mais para brincar e demonstrar algum tipo de afeto, mas o receio e o medo tomam conta e o que acontece muitas das vezes é os professores saindo de “fininho” para não ter algum contato com a criança.*

*A estrutura da escola não é adequada para a criança, se por ventura o dia for estressante, se minha aluna estiver em dias difíceis a escola não dispõe de nenhum recurso para que ela possa acalmar-se e voltar as atividades normais. Brinquedos sensoriais não se têm, uma bola de*



*pilates, coisas que a escola sabe que poderia ajudar a criança a tranquilizar-se, nossa realidade é uma quadra grande, sem nenhum outro recurso disponível.*

*Contudo, temos mais dias difíceis do que fáceis e chego a me perguntar se um dia as escolas vão abraçar a causa, se um dia a escola vai chamar a responsabilidade para ela e fazer algo para que mude a realidade dura de tantas crianças que sofrem de algum tipo de deficiência. Dizer que é fácil não é, dá trabalho e muito trabalho inclusive, porém, quando olhamos para o avanço dos meninos, quando vemos que nosso esforço, dedicação e um pouco de pensamento ajuda a eles a desenvolver uma escrita, ou um pareamento do nome vale a pena, vale muito a pena. A inclusão é algo para ser falado e falado, até o dia em que teremos de fato pessoas incluídas na escola e com os mesmos direitos que pessoas típicas. No que depender do meu papel como professora/mediadora lutarei pelos meus pequenos autistas e farei o possível para que eles consigam o desenvolvimento que tanto queremos (**Mediadora 1**).*

*Sou Pedagoga e atualmente estudante de pós-graduação em Psicopedagogia Clínico e Institucional. Há aproximadamente seis (6) meses realizo um trabalho de mediação com uma criança de 7 anos de idade e que é diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a mesma está matriculada no primeiro ano (1º) do Ensino Fundamental. O trabalho ocorre em uma escola particular de Campina Grande - PB.*

*A escola não disponibiliza recursos para realização da mediação do aluno, o que dificulta o processo de ensino aprendizagem do mesmo. Segundo relatos da mãe da criança e da mediadora anterior, a escola não realizava nem um tipo de planejamento voltado para as necessidades da criança, ou seja, as atividades que a mesma realizava eram planejadas para a turma. Após minha chegada, nós, eu a professora regente da turma observamos que a metodologia adotada não atendia as necessidades específicas da criança e que esta realidade estava acarretando grandes danos em sua aprendizagem. Com isso, ocorreu uma conversa entre a coordenação escolar e a mãe da criança, após esse diálogo ficou acordado que a criança iria realizar uma atividade diferenciada dos demais alunos de sua turma.*

*Ou seja, as atividades serão voltadas para as dificuldades do aluno. Os professores do primeiro ano estão sempre preocupados em transmitir da forma mais clara possível os conteúdos, procurando de certa forma deixar o aluno interagido com tudo o que ocorre na sala de aula e de certa forma de todo evento que por ventura ocorra na escola. Mas ao mesmo tempo em que percebo a preocupação dos professores em contribuir de certa forma para o desenvolvimento desta criança, existem outros funcionários que não se aproxima da criança demonstrando medo. Esse tipo de comportamento só demonstra a falta de conhecimento e despreparo dos profissionais da instituição.*

*A escola tem um excelente espaço físico, no entanto não possui nem um tipo de adaptação para atender crianças portadoras de alguma deficiência, no caso da criança relatada, não se é necessário adaptações físicas, pois a mesma possui uma ótima coordenação motora e por está*



*nesta mesma escola desde o seu ingresso escolar, já a conhece muito bem todos os ambientes, o que lhe permitir locomover tranquilamente por todos os espaços.*

*As dificuldades enfrentadas é de fato a resistência que a escola tinha em realizar as adaptações necessárias nas atividades propostas para a criança, o que impediu que a criança avançasse. Sabemos que essas adaptações são necessárias e asseguradas por lei, pois a mesma contribui diretamente para o desenvolvimento intelectual, física e mental do aluno. Quando esse trabalho é impedido, a escola está de certa forma afirmando a sua falta de interesse no aluno e no seu desenvolvimento, sendo esse apenas mais um no ambiente escolar.*

*Neste sentido, o mediador contribui de forma específica na mediação das atividades escolar dessa criança, sua função é contribuir para a autonomia do sujeito, de forma que este possa futuramente não precisar de alguém para realizar essa mediação. Meu trabalho funciona neste sentido de mediação, já as demais atividades realizadas no espaço escolar como, por exemplo, a recreação, é acompanhado pelos funcionários da escola (**Mediadora 2**).*

Diante dos relatos apresentados pelos mediadores podemos observar o quanto a escola deixa a desejar no quesito da inclusão de fato, toda a responsabilidade direcionada a escola recai sobre o mediador. Contudo, é importante destacar as atribuições destinadas ao mediador, entre elas estão as seguintes:

*(...)é promover o desenvolvimento da criança, que precisa de um suporte adicional no ambiente natural de aprendizagem. Portanto, posturas de superproteção ou a atuação como cuidador são ineficientes e não condizem com a proposta da mediação. O profissional deve, sempre em parceria com o professor, saber quando o apoio deve ser mais diretivo, a hora que deve se afastar visando à autonomia. (MOUSINHO,2010).*

*A experiência de trabalhar como mediadora de uma criança autista é inenarrável, pois além de contribuir no processo de ensino aprendizado dessa criança, também percebo que aprendo cada dia a mais com ela. É um trabalho que amo realizar e que quero aprender cada vez mais sobre a função e responsabilidades da função, para poder ajudá-lo a crescer e enfrentar os obstáculos encontrados no contexto escolar e principalmente para que ele torne-se uma criança com autonomia e capaz de superar os obstáculos presentes no aspectos (**Mediadora 2**).*

Assim, consideramos bastante relevante o papel do mediador para o progresso da criança com autismo e sua aprendizagem no ambiente escolar, tais profissionais contribuem com a

construção desde conhecimento e seu desenvolvimento psicossocial. Necessário é que as escolas do município se comprometam de fato com o aprendizado e bem estar destas crianças.

## REFERÊNCIAS:

MOUSINHO, Renata. MEDIAÇÃO ESCOLAR E INCLUSÃO. Ano 2010 - Volume 27 - Edição 82. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo>>. Acesso em: 22 de Outubro de 2016.

FONCESA, Maria Elisa Granchi. CIOLA, Juliana de Cássia Baptistella. Vejo e Aprendo. Fundamentos do Programa TEACCH, O Ensino Estruturado para Pessoas com Autismo. 1ª Edição, Ribeirão Preto, SP- Brasil.

BRASIL, Lei Berenice Piana Nº 12.764 de 27 de DEZEMBRO de 2012. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm)> Acessado em < 18 de out. 2016.